



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

**Construir e viver na periferia da cidade de Maputo: redes
e representações sobre o espaço habitacional no bairro 2000**

Candidato: Celso Vasconcelos Jossefa

Orientador: Euclides Gonçalves

Maputo, Fevereiro de 2013



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

**Construir e viver na periferia da cidade de Maputo: redes
e representações sobre o espaço habitacional no bairro 2000**

Relatório apresentado em cumprimento
parcial dos requisitos para obtenção do grau
de Licenciatura em Antropologia na
Universidade Eduardo Mondlane

Candidato: Celso Vasconcelos Jossefa

JÚRI			DATA
PRESIDENTE Omar Madime _____	SUPERVISOR Euclides Gonçalves _____	OPONENTE Fernando Manjate _____	____/____/20____

Dedicatória

Vai a toda família Cândia.

Aos meus pais Vasconcelos Jossefa (em memória) e Ana Francisco Maherrula por ter me dado o amparo, carinho e muito amor.

A minha esposa Lizete da Conceição e ao meu filho Edson Vasconcelos que conseguiram aguentar com tantas ausências do esposo e do pai no momento que tanto precisavam devido a faculdade.

Estende-se aos meus irmãos Zeca; Edmundo; Gregório; Francisco; José; Eduardo; Pedrito; e em especial aos meus irmãos Beto e Adolfo (em memória).

Ao meu sobrinho Edmar pela força que me deu para poder ingressar no ensino superior.

O meu muito obrigado a todos.

Agradecimentos

A Deus todo-poderoso por ter me trazido ao mundo. À direcção da Faculdade de Letras e Ciências Sociais por ter aberto uma oportunidade de administrar o curso de Antropologia no regime pós-laboral na qual faço parte como um dos estudantes do primeiro grupo.

Em diante a todos os docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia pela forma sábia que me transmitiram os conhecimentos, ainda estende-se a todos os funcionários deste Departamento que estiveram sempre a disposição em todos os momentos com especial atenção à dona Alzira.

Ao corpo docente vão para o professor Emídio Gune pela forma analítica de transmitir os conhecimentos, estende se em especial ao professor Euclides, por ter administrado a disciplina de Seminário de Investigação II onde consegui ter o alicerce para a elaboração do projecto de fim do curso, e por ter aceitado a dura missão de orientar-me neste trabalho que culmina com licenciatura em Antropologia.

Estendo a todos os colegas da primeira turma de Antropologia pós-laboral que comigo trilharam com especial destaque ao Augusto Pedro Domingos que esteve comigo em todos os momentos, a partir dos aspectos críticos até nos conselhos. Á Clotilde Paulo que em momentos críticos sempre me deu muita força para seguir em frente e a todos que directa ou indirectamente contribuíram para que este sonho tornasse em realidade. O meu muito obrigado.

Resumo

Partindo de um estudo no bairro 2000, esta pesquisa procura compreender as representações, formas de acesso e permanência no espaço habitacional nas zonas periféricas da cidade de Maputo. Durante 15 meses, reservei dois dias por semana para entrevistas no bairro 2000, local onde também desenvolvia as minhas actividades profissionais.

Observei as formas que os moradores do bairro 2000 adoptavam para aceder ao espaço habitacional numa zona periférica. Também realizei entrevistas semi-estruturadas que me permitiram ter informação detalhada a cerca do bairro em estudo. A observação e o contacto com os intervenientes permitiu perceber que representações os indivíduos atribuem ao espaço para construção de casas para habitar. Neste aspecto, saliento o recurso a redes sociais sejam elas de parentesco, vizinhança, amizade e *conteraneidade*.

Os dados recolhidos mostram que a concessão e distribuição do espaço habitacional no bairro 2000 variaram de acordo com três contextos históricos, nomeadamente: o período colonial, o período da guerra de pós-colonial que se intensificou nos anos 90 e o grande marco verificou-se no ano 2000, culminando com a atribuição do nome 2000 ao bairro.

No primeiro período passaram a residir no bairro 2000 os trabalhadores do primeiro proprietário que também trabalhavam naquele local. No período da guerra os primeiros residentes passaram a conceder espaço a familiares e imigrantes vindos de vários pontos do país devido a crescente procura de espaço para fixação de habitação. A partir do ano 2000 há uma nova demanda por espaços nessa área e os residentes fizeram concessões aos novos interessados.

Neste espaço habitacional os residentes adoptam várias estratégias, para resolver o problema da falta de emprego e para melhorar a qualidade das casas construídas. Estes recorrem á prática de actividades comerciais, as chamadas “informais”.

Palavras-chave: assentamentos informais, redes sociais espaço habitacional.

Índice

Dedicatória.....	i
Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iii
Índice	iv
1. INTRODUÇÃO	1
1.1 Contexto e problema de pesquisa	1
1.2 Justificação.....	2
1.3 Recolha de dados	3
1.4 Conceptualização.....	4
2. REVISÃO DE LITERATURA	7
3. REPRESENTAÇÕES SOBRE O ESPAÇO PARA HABITAÇÃO NO BAIRRO 2000	12
4. ACESSO AO ESPAÇO HABITACIONAL NUM BAIRRO DE PERIFERIA	15
4.1 Descrição do bairro 2000.....	15
5. VIVER NO BAIRRO 2000	20
6. CONCLUSÃO	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25
ANEXOS	30

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contexto e problema de pesquisa

Ao longo dos tempos o homem sempre procurou estabelecer-se ou fixar sua residência em lugares estratégicos, como por exemplo nas zonas ribeirinhas, com objectivos de praticar a actividade agrícola, a procura de emprego sobretudo os jovens que procuravam oportunidade de mudar sua vida. Assim esta procura veio de certo modo a proporcionar as migrações que culminaram com o crescimento das zonas urbanas dando origem as cidades (Rita-Ferreira, 1967-1968).

Em África, especificamente em Moçambique, o sistema de dominação estabeleceu-se sobre as cidades criadas, na sua maioria, a partir de centros de serviços que mantinham uma estreita ligação, económica e política, com a metrópole colonial (Baia, 2008).

Um dos problemas da procura de espaço habitacional está relacionado com crescimento do número do agregado familiar, os moradores procuram espaço para construção das suas casas como forma de resolver esta situação. Para conseguirem o espaço os cidadãos recorrem a vários mecanismos que passam pelo requerimento dirigido para o presidente do conselho municipal, outros conseguem através dos seus familiares que estejam instalados num determinado local, alguns adquirem através da compra com os detentores de parcelas de porções de terras.

Algumas pesquisas mostram que há factores que estão por detrás da distribuição espacial da população. As catástrofes naturais são apontadas como sendo um dos factores, pois através das inundações que destroem casas deixando pessoas sem-abrigo. Assim, sendo, elas procuram por lugares seguros para construção de casas para sua habitação (Matusse, 2012).

Outro estudo mostra que outros factores da distribuição espacial da população estão ligados a conflitos armados, isto porque durante o conflito as populações deslocam-se de um lugar para outro como forma de procurar segurança e provavelmente terras férteis para a prática da actividade agrícola (Casal, 1998).

O outro estudo sobre os assentamentos mostra que as pessoas encontram-se distribuídas espacialmente como uma estratégia dos empregadores, isto é, as pessoas devem fixar suas residências perto do local do seu emprego (Muanamoha, 1995).

Outros estudos mostram que a distribuição espacial pode ser feita através de assentamentos informais, aqui a ocupação é feita obedecendo a vários critérios e sem a intervenção das entidades competentes (Forjaz, 2006; Rebouças, 2000).

O presente estudo olha para os assentamentos informais caracterizados pela ocupação de espaço habitacional de uma forma “clandestina” sem intervenção das autoridades municipais. Também, procura compreender representações que os residentes do bairro 2000, atribuem ao espaço habitacional e perceber o papel das redes sociais no acesso ao espaço para habitação. Analisando o tipo de contactos que os indivíduos estabelecem para poder aceder ao espaço habitacional, procuro entender qual é o papel das redes sociais no processo de acolhimento de novos moradores que chegam a aquele bairro. Também procuro entender como viver no bairro 2000, olhando para estratégias que estes moradores vão adoptando no seu dia-a-dia para resolver os problemas do desemprego e na melhoria das suas rendas.

1.2 Justificação

A escolha deste tema vem pela necessidade de procurar compreender que representações ou significados que os indivíduos atribuem ao espaço habitacional, e entender o papel das redes sociais no processo de apropriação e ocupação do espaço numa zona periférica concretamente no bairro 2000, mecanismos que os indivíduos adoptam para resolver os problemas face ao emprego.

Este estudo permitirá compreender as representações, subjectividades que os indivíduos têm sobre o espaço habitacional não só sob o ponto de vista geográfico, mas também simbólico tendo como enfoque a comunicação que os moradores do bairro têm com os seus antepassados. Através das visitas nocturnas que estes antepassados tem feito aos seus parentes vivos.

Ademais, este estudo é um contributo antropológico que visa demonstrar as várias percepções sobre o espaço, uma vez que, dos estudos realizados em Moçambique a maioria reflecte questões relacionadas com espaço no sentido geográfico.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. Este capítulo começou com a contextualização e problematização da questão de pesquisa que orienta o trabalho. Apresentei também os objectivos do projecto que são seguidos por uma apresentação dos métodos de recolha de dados na secção seguinte. Ainda neste capítulo discuto os conceitos de referência usados para a minha análise. No segundo capítulo revejo o corpo de literatura sobre assentamentos urbanos e indico perspectivas relevantes para o estudo do bairro 2000. No capítulo três apresento e analiso os resultados do trabalho de terreno. No quarto capítulo concluo o trabalho e apresento possíveis linhas para futuros projectos de investigação.

1.3 Recolha de dados

A recolha de dados foi realizada entre Julho de 2011 e Setembro de 2012 no quarteirão 37, no bairro 2000. Entrevistei 27 residentes do bairro 2000 com idades variadas entre os 18 e os 55 anos. Destes, 24 são do sexo masculino e três do sexo feminino. Localizei os primeiros habitantes do bairro e depois, usando a técnica de bola de neve, os entrevistados sugeriram novos residentes a entrevistar. Parte das entrevistas foi realizada no meu local de trabalho uma vez que alguns dos intervenientes dos estudos são residentes do bairro 2000. Grande parte das entrevistas foi realizada no bairro 2000, nas residências dos entrevistados. O desequilíbrio de género reflecte a maior disponibilidade dos homens para concederem entrevistas.

As entrevistas individuais semi-estruturadas permitiram conhecer o historial do bairro, as representações que os residentes atribuem ao espaço, a forma pela qual os indivíduos acedem ao espaço.

Por ter realizado a pesquisa de terreno perto do local de trabalho, a observação directa permitiu-me compreender como o bairro 2000 está organizado e quais os mecanismos que os residentes adoptam para a sua integração. Esta técnica permitiu também captar as actividades de renda realizadas pelos entrevistados, nomeadamente: segurança (guardas de

estabelecimentos comerciais, obras de construção nas zonas vizinhas e nas residências situadas no bairro triunfo) venda de recargas de telemóveis, pequenos trabalhos de apoio em construções no bairro Triunfo e no bairro popularmente conhecido pelo nome DNEP.

Apesar do privilégio de estar a trabalhar perto do local do estudo, nem tudo foi facilitado porque algumas vezes os entrevistados tiveram receio de fornecer parte da informação pedida. Uma vez que as perguntas por mim colocadas estavam relacionadas com a forma pela qual os indivíduos conseguiam ter o espaço habitacional no bairro 2000, tendo consciência que em Moçambique a terra não se vende e alguns dos entrevistados são os residentes que mais espaços venderam, assim sendo, alguns entrevistados suspeitaram o meu trabalho. Para contornar esta situação, fiz perguntas diferentes mas com o mesmo propósito. Procurei também convencer aos entrevistados que eu não era agente municipal.

1.4 Conceptualização

Para o presente projecto de pesquisa usei três conceitos -chave: assentamentos informais, zonas periféricas e redes sociais.

Não existe definição única para assentamentos informais. As definições variam com o contexto e os objectivos para que se destina esse assentamento. As definições de assentamentos informais podem ser feitas com referência as formas de ocupação do espaço mas também pelo tipo de habitação construída. Por exemplo, no contexto brasileiro os assentamentos informais são denominados favelas. Valle, (2009), citando Abiko e Silva (2003) define favela como um conjunto de unidades domiciliárias construídas de madeira, zinco, lata, papelão ou mesmo em alvenarias, distribuídas desordenadamente em terrenos cuja propriedade individual do lote não é legalizada para aqueles que ocupam. Em Moçambique uma definição é apresentada por Forjaz *at all* que define “assentamentos informais como sendo zonas urbanas em constante crescimento, que não oferecem aos seus residentes condições de vida minimamente aceitáveis” (2006:42).

A definição apresentada por Forjaz *at all* (2006) é a mais adequada para o caso do bairro 2000 porque tal como aborda a questão dos assentamentos, o mesmo acontece neste bairro

onde o assentamento é feito de uma forma “clandestina” não obedecendo as regras municipais.

Quanto ao conceito espaço na perspectiva de Bourdieu (1989) concebe espaço como produto de uma construção social, onde os indivíduos delimitam os espaços de acordo com os significados subjectivos que atribuem. Neste contexto, o espaço é apropriado e atribuído a algumas representações simbólicas ao nível do colectivo e individual.

Já para Santos (2002) considera que o espaço para além de ser geográfico, ele é a base de desenvolvimento socioeconómico e político. É no espaço que as pessoas podem desenvolver as suas actividades políticas, sociais, até desenvolver actividades económicas.

Rorcalo (1990) citado por Baia (2008) considera que o espaço é o lugar onde se desenvolvem actividades sejam carácter económico ou social. Esses conceitos, permitem-nos compreender às múltiplas percepções que os indivíduos atribuem ao espaço. Neste trabalho apoio-me na perspectiva de Bourdieu (1989) na qual o espaço para além de ser delimitado fisicamente, o mesmo tem outra dimensão a partir das representações que os indivíduos atribuem. Ao usar o termo espaço geográfico é para referir-me onde as pessoas vão usar o espaço para erguer suas casas para viverem. Deste modo, seguindo Bourdieu supra citado, esses espaços não são definidos apenas olhando para aspectos geográficos mas também tem dimensão simbólica.

As redes sociais, sejam elas de parentesco, amizade, *conteraneidade*, são o garante da estabilidade dos indivíduos em qualquer lugar onde se encontram contribuindo para a integração, acolhimento de novos indivíduos. Deste modo, as redes sociais são definidas por Mayer (1987) e Velho (1994) como sendo o elo de ligação entre indivíduos residentes no mesmo ou em espaços diferentes. São as redes sociais que permitem o acesso à um espaço para a construção de casas para habitação, são elas que fazem os primeiros contactos.

Neste processo é notório que a utilização de redes vem de certo modo a mostrar que existe uma reciprocidade entre os indivíduos. Estas redes incluem também aspectos de ordem política e social, a partir do seu envolvimento nos trabalhos de ordenamento do bairro

através da mobilização, e quanto aos aspectos sociais estas redes participam nos acolhimentos dos indivíduos em situações extrema necessidade (doenças e também no caso de morte).

Outro conceito que trago para este trabalho é o da periferia, dizer que este conceito é problemático porque na sua definição seria periferia tudo que estivesse nas redondezas em relação a um determinado ponto. Assim na perspectiva de Tanaka (2006) a noção de periferia é uma construção social relacionada a práticas e discursos de sujeitos sociais e políticos de um contexto histórico específico, de ascensão dos chamados movimentos sociais urbanos, e de intensas mudanças na sociedade brasileira. Já Ritter (2009) considera que as periferias são caracterizadas cada vez mais por outros contextos, não aqueles mensuráveis simplesmente por quilometragem ou marcação de anéis, coroas ou outro qualquer representativo geométrico, contextos esses alicerçados nas condições e contradições económicas – sociais dos seus moradores, pelas infra-estruturas existentes, pelas territorialidades estabelecidas e restabelecidas, enfim, pelas especialidades.

Olhando para aquilo que é abordagem desses dois autores, não existe uma definição clara de o que é uma periferia tendo em conta que a periferia era definida a partir do rural – urbano, com o crescimento das cidades no sentido horizontal, construção de infra-estruturas em grandes aglomerados populacionais, faz com que o que era considerado periférico torne-se espaço urbano. Também salientar que o crescimento de uma cidade não é algo que acontece de um dia para outro, mas sim é um processo contínuo. O que é periferia hoje pode não ser daqui a cinco anos, por exemplo. O nível de desenvolvimento socioeconómico é que vai ditar a situação de acordo com o que está estabelecido como modelo para a ascensão da urbe.

Antes de prosseguir para a revisão de literatura devo apresentar o conceito operatório de espaço habitacional. Seguindo Bourdieu que entende o espaço, não apenas como geográfico mas também o que têm dimensões simbólicas chamo espaço habitacional um local que para além da construção de casas há encontro entre os seres vivos e os espíritos dos seus antepassados, por estes terem crença de que existe comunicação entre ambas partes. Aqui o espaço não é visto apenas como local para construção de casas para habitação.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo apresento como diferentes autores discutem a questão dos assentamentos. Alguns estudos sobre assentamentos rurais assim como urbanos até aqui desenvolvidos estão ligados às disciplinas de geografia e arquitectura. Estes estudos discutem como foi feito o assentamento de famílias e a sua distribuição espacial olhando para as finalidades pelas quais aconteceram estes assentamentos.

De uma forma geral para os cidadãos acederem à um espaço para várias finalidades eles recorrem ao que está plasmado na lei de terras 19/97 de 1 de Outubro, capítulo3 no artigo 12, refere:

- a) Ocupação por pessoas singulares e pelas comunidades locais, segundo as normas costumeiras no que não contrariem a constituição;
- b) Ocupação por pessoas singulares nacionais que de boa fé, estejam a utilizar a terra há pelo menos dez anos;
- c) Autorização de pedido apresentado por pessoas singulares ou colectivas na forma estabelecida na presente Lei.

Estes estudos mostram que os elementos essenciais para redistribuição do espaço seja urbano ou rural, tem a ver com problemas de ordem sociopolítica, onde a tarefa do governo é de proteger a sua população das guerras (Casal, 1998).

Outro problema é de ordem natural, com maior destaque para as calamidades naturais, onde os cidadãos são reassentados em lugares seguros, que não são propensos o cheio (Matusse, 2012).

Outro fenómeno que dá origem aos assentamentos são as migrações muitas das vezes provocadas ou para dar lugar a construção de novas infra-estruturas, como sejam barragens, estradas e pontes. Por essa razão as pessoas são deslocadas para zonas seguras (Alberto, 2007).

Nos factores políticos há também que realçar que as estruturas estão intimamente ligados ao processo de distribuição e organização do espaço. Assim, “a distribuição da população tem íntima relação com os tipos de ocupação e posse da terra, inseridos na política geral de desenvolvimento vigente, também a repartição é antes de mais o resultado directo das políticas implícitas no âmbito demográfico e de ordenamento do território” (Araújo, 1988: 177).

Assim, tudo que é distribuição espacial das populações por detrás existem alguns objectivos por parte de quem faz essa distribuição quer a nível cultural assim como sociopolítico. Também a distribuição da população poderá estar ligada a questões de ordem económica, como por exemplo os indivíduos poderão estar distribuídos como uma estratégia do próprio patronato para estarem próximos do seu local de trabalho (Araújo, 1988; Muanamoha, 1995). A concentração dos indivíduos em locais próximos dos seus locais de trabalho poderá ajudar a reduzir as ausências dos indivíduos por exemplo atrasos sistemáticos que resultam da falta de transportes. Outro aspecto é que o patronato tem os seus trabalhadores a qualquer momento.

Ainda no processo de distribuição espacial da terra Negrão (2004) citando Jenkins (2001) mostra que existem outras formas para aceder a um espaço que são: o Estado é que faz a alocação formal da terra. A outra forma está no sector privado através do mercado seguindo formalização e por fim a sociedade civil que lida com o mercado de terras informal.

No presente estudo tenho como ponto de referência, estudos de autores que abordam a distribuição espacial olhando para aspectos socioeconómicos. Isto, porque existe uma série de factores que fazem com que os indivíduos procurem o espaço para habitação, começando pela forma como estes procuram o espaço, as representações que estes atribuem depois de adquirir, o tipo de contacto que estes estabelecem para aceder ao espaço, também olhar para os objectivos da fixação dos indivíduos naquele espaço.

Uma das razões que faz com que os indivíduos procurem por espaço habitacional nas zonas urbanas ou na periferia tem a ver com a procura de melhores condições de vida tal como Araújo argumenta:

“O crescimento da população em lugares urbanos pode ser resultados de quatro processos que podem actuar simultaneamente: crescimento natural positivo; migração rural/urbana dentro do país; migrações internacionais em direcção as áreas urbanas de um determinado país; expansão territorial dos lugares urbanos através de identificação dos seus limites ou urbanização de áreas circundantes (1997) ”.

Ainda na mesma perspectiva, Araújo (1988) mostra que existe uma série de elementos que devem ser considerados na mobilidade dos indivíduos para procura do espaço. Um dos quais, é que a população rural tem se deslocado para as zonas urbanas e quando chegam procuram fixar as suas residências perto do local do seu emprego, é dessa forma que emerge a questão da negociação e aquisição do espaço.

Muitas vezes as pessoas que procuram espaços para fixação das suas residências são, na sua maioria, indivíduos que vêm de outras zonas contrariamente aos que tenham nascido nesse local. (Velho, 1994; 1999) e Piselli (1998) mostram que os indivíduos deslocam-se de um lugar para outro com objectivos de melhorar as suas condições de vida. Estes para poderem ter acesso a outro espaço antes tem que estabelecer contactos com os outros que provavelmente se encontrem no local de chegada usando vários mecanismos, dentre os quais através de redes sociais que podem ser de parentesco, amizade ou laços de irmandade.

Assim, uma das formas para aceder ao emprego, num espaço que é lhes estranho, os indivíduos devem estar vinculados através de contactos previamente estabelecidos e os mesmos são guiados através de redes sociais. Segundo a perspectiva de Mayer (1987) as redes sociais estão vinculadas a relações de reciprocidade e as suas características são diferentes de acordo com a complexidade social e o conjunto das redes são responsáveis pelo dinamismo e pela diferença das mesmas.

Apesar dos estudos de Mayer (1987) e Mauss (2008) mostrarem que as redes sociais de amizade, parentesco, irmandade são essenciais para o estabelecimento da unidade entre pessoas da mesma origem ou que tenham afinidades, os estudos de Ross (2008) citando Stack (1976) e Lomnitz (1976) mostram que essas redes sociais, sobretudo a de parentesco, têm maior importância no momento em que os indivíduos chegam ao novo local. Depois de se fixarem no local de chegada, o papel de parentesco diminui. Assim, apesar de serem preponderantes para acolhimento de novas pessoas no local de chegada, a interacção nas

redes sociais não dura uma eternidade pois a medida em que o tempo vai passando diminui a sua responsabilidade com os que já encontram-se fixados estando sempre prestes a ajudar os novos que ali chegam.

Outro aspecto a ter em conta, é que os indivíduos criam grupos domésticos no local de chegada. O grupo doméstico é constituído por um agregado de parentes criados pela deslocação de pessoas após o casamento. Por sua vez, o movimento de pessoas é influenciado pelas condições demográficas, tecnológicas e ecológicas que sustentam as sociedades (Batalha, 1995:755). Esta posição é contrariada por estudos de (Ross, 2008), uma vez que este mostra, que os grupos domésticos não se unem apenas com a partilha de mesmas panelas. Estes podem unir-se através da partilha do espaço para dormida. Um indivíduo pode passar refeições numa determinada família e dormir numa outra família.

Para além dos pressupostos que os estudos de Loforte (s/d) e Ammering (2010) discutem em relação ao espaço o meu estudo vem mostrar que o espaço para habitação também pode ser elemento para resolução conflitos dentro das famílias através das conversações. Para ultrapassar este tipo de conflitos passa necessariamente em um dos interveniente procurar um espaço onde não irá partilhar com os envolvidos.

O espaço para habitação, sobretudo na zona urbana, tem um grande valor. Olhando para escassez de habitação, em algum momento faz com que, no processo de procura e de certa forma quando os indivíduos conseguem, estes vão atribuir varias representações. Nesta perspectiva Loforte (s/d) considera o espaço como o elemento de ligação de alteridade e identidade. Isto significa que é a partir do espaço, que os indivíduos de diferentes origens podem estabelecer contactos e a partir deste encontrarem-se unidos socialmente.

Na sua análise, Ammering (2010) olha para o espaço habitacional como ponto de partida para estabelecimento de redes sociais. É através do espaço habitacional que os indivíduos, quer seja da mesma origem ou não, criam redes de parentesco, amizade assim como de irmandade.

As representações que os indivíduos atribuem ao espaço dependem das circunstâncias que moveram a procura pelo espaço. Menezes (2000:158) considera o espaço como o local de produção e desenvolvimento das sociedades.

Depois de analisar como é que vários autores analisam o processo de redistribuição espacial, este estudo mostra que além dos factores que esses estudos evocam, existe outra forma ou mecanismos que os indivíduos adoptam para aceder a um espaço urbano usando as redes sociais. As redes de parentesco, amizade, *conteranidade* funcionam como elo de ligação entre os que detém o espaço e os que se interessam em adquirir o espaço.

Também este estudo vem mostrar que o espaço tem múltiplo uso para além de ser para habitação, é usado para fins de angariação de fundos das famílias através construção de pequenas casas que usam para arrendamentos para novas famílias que se interessam em viver no bairro.

3. REPRESENTAÇÕES SOBRE O ESPAÇO PARA HABITAÇÃO NO BAIRRO 2000

Tendo em conta que cidade de Maputo está a crescer de forma horizontal, faz com que muitos indivíduos procurem por um espaço para construir uma casa para a sua habitação. Assim nesse processo de procura de espaço para construir casa, existe uma série de interpretações que os indivíduos vão atribuindo quando conseguem adquirir espaço habitacional.

Embora o propósito de procura de espaço, neste bairro seja para fins de habitação, cada indivíduo vai construindo significados mediante a forma ou o motivo pelo qual foi obrigado a procurar o espaço, dentre os vários elementos descritos no presente estudo, foi evidente que a procura de espaço na maioria dos intervenientes está ligada à questão do congestionamento das famílias num único espaço, onde estes para além de partilhar o mesmo espaço, também partilham as mesmas panelas o que provoca conflitos sociais.

Para a resolução desse tipo de conflitos entre as famílias, os indivíduos passam necessariamente por uma separação, que consiste em procurar um espaço para construir as suas casas. Isto permitirá que estes não partilhem o mesmo espaço e as mesmas panelas. Esta separação não significa que há ruptura definitiva a nível de convivência apenas que os indivíduos deixaram de partilhar o mesmo espaço.

O outro elemento, ainda nas representações que os indivíduos atribuem ao espaço é a crença que estes têm com os seus antepassados. Esta crença manifesta-se através da estreita comunicação, visitas nocturnas aos seus parentes vivos nos locais onde se encontram a habitar.

O argumento encontrado é que durante as suas visitas de rotina aos seus parentes, os antepassados as vezes deparam-se com alguns entraves que vem de outros espíritos dos antepassados, isto quando se trata de pessoas que encontram-se a arrendar uma residência. Estes antepassados reivindicam aos seus parentes que tenham um espaço próprio para evitar que sempre que vão para visitar os seus parentes sejam interpelados por outros espíritos os supostos donos de casa que exigem que estes se identifiquem. Coisas dessa natureza

chegam a criar transtornos para esses antepassados porque segundo eles, para ter acesso a um seu parente é preciso autorização.

Este cenário obtive a partir de informações que um dos participantes no estudo que vive no bairro desde 1994, natural de Inhambane, casado, pai de dois filhos desempenhando as funções de guarda (segurança). Em seguida apresento um excerto da entrevista com o Pedro:

Quando os nossos antepassados vêm nos visitar, tem que pedir autorização aos donos de casa (...) quando estes não conseguem nos visitar temos tido azares, não temos protecção suficiente¹

Ainda na mesma perspectiva os cidadãos quando se deslocam de um local para outro. Como por exemplo de uma província para outra. Pressupõe-se que os cidadãos quando saem de um local para o outro, comunicam com os seus antepassados como forma de informar que estão num novo local de residência. Assim, quando conseguem um espaço para construção de casa para habitação, O chefe da família escolhe um canto do seu quintal onde irá comunicar se com os seus antepassados, informando que está num novo local. É neste local que o chefe da família irá fazer outros rituais sempre que precisar de comunicar se com os seus antepassados.

Esta é mais uma forma de mostrar que em alguns contextos acredita-se que existe comunicação entre os vivos e os antepassados.

Este é um assunto que é partilhado com um dos participantes do estudo, residente no bairro desde 2001, natural da província da Zambézia, casado e pai de seis filhos, pedreiro em obras de construção civil.

(...) você sabe que nós somos africanos é preciso sempre avisar os que estão em baixo o seu paradeiro para poder ter sorte em tudo que faz (...) por isso quando eu comprei meu espaço tratei logo de fazer uma pequena cerimónia para avisar que já tenho casa própria. (Junqueiro)².

¹ Entrevista realizada na sua residência no dia 17 de Outubro de 2012.

² Entrevista cedida na sua residência no dia 17 de Setembro de 2012.

O crescimento do agregado familiar, faz com que algumas famílias procurem num primeiro momento uma casa para arrendar, como forma de ultrapassar este problema. Mas, este problema não se resolve com o arrendamento de casa. Os indivíduos vão adoptar várias estratégias com objectivos de adquirir um espaço próprio para construir uma casa para sua habitação. Assim através de poupanças dos seus salários, empréstimos bancários os indivíduos procuram comprar espaço. Quando estes conseguem comprar e, posteriormente, construir suas casas, automaticamente reduzem-se os gastos mensais. A economia doméstica processa-se de várias formas uma delas é quando começam a poupar algum dinheiro em detrimento da renda. Este valor é aplicado para outra finalidade como o melhoramento das suas casas de habitação. O relato de Januário de 52 anos de idade, natural da província de Sofala, casado e pai de 4 filhos, guarda numa empresa de construção civil e residente no bairro 2000 desde 1990 reflecte esta situação:

A partir do momento que adquiri o meu terreno, deixei de pagar a renda na casa onde alugava, assim com o dinheiro que ganho consigo comprar um ou dois sacos de cimento, fabrico blocos para melhorar a minha casa.³

Parto de princípio que a nível das zonas urbanas e periféricas, existem muita procura de espaço no que concerne a habitação. Isto faz com que os cidadãos nasçam, crescem, em algumas vezes chegam a viverem com suas esposas, filhos em casa dos seus pais. Acredita-se que este assunto cria transtornos na medida que não existe uma independência por parte da nora e os seus sogros. Logo que possuem dinheiro suficiente, indivíduos nesta situação, correm para a compra de espaço como forma de afirmarem-se num determinado contexto ganhando assim um *status*. A partir do momento que estes deixam de partilhar o mesmo espaço com seus pais, passam a ser respeitados por outros que ainda não conseguiram.

Uma das coisas que faz com que as pessoas recorram a um determinado espaço tem a ver com questões estratégicas para desenvolver uma determinada actividade. Por exemplo alguns dos entrevistados mostram que um dos grandes benefícios que tem de viver neste bairro 2000 é que, quando se trata do tempo de verão tem um negócio rentável, porque conseguem vender os seus produtos a um preço um pouco elevado em relação ao praticado nas zonas distantes da praia. Uma garrafa de cerveja pequena na praia é vendida 60 meticais e nas zonas distantes da praia a 50 meticais.

³Entrevista cedida no seu local de trabalho 16 de Maio de 2012.

O excerto da entrevista da Vitória mostra que ela está no bairro 2000 porque encontra-se muito perto do local onde pratica a sua actividade de sobrevivência e que consegue em algum momento preços especulativos em relação ao praticado pelas pessoas que estão distantes da praia.

*Aqui eu consigo vender mais e o lucro é alto porque o preço praticado aqui é diferente do praticado por exemplo noutros bairros da cidade de Maputo.*⁴

Apesar de que os elementos aqui descritos mostrarem que todos indivíduos procuram o espaço para construção de casas para habitação, também existe um leque de representações que estes atribuem ao mesmo espaço. Muitas das vezes isto é guiado pelo motivo que fez com que estes procurassem o tal espaço.

4. ACESSO AO ESPAÇO HABITACIONAL NUM BAIRRO DE PERIFERIA

4.1 Descrição do bairro 2000

O bairro 2000 localiza-se na Costa do Sol no distrito Municipal Kamavota. Faz fronteira a Norte com o bairro Ferroviário, a Sul bairro Triunfo, a Este, a rua Dona Alice e a Oeste o condomínio da ANE (Administração Nacional de Estradas). Este bairro é habitado maioritariamente por indivíduos imigrantes oriundos das províncias de Inhambane, Sofala, Gaza e Zambézia.

O nome do 2000 foi popularmente atribuído pelos moradores do bairro a partir do ano 2000 quando verificou-se uma avalanche de novos indivíduos interessados em adquirir espaço habitacional naquele local depois terem sido afectados pelas cheias que naquele ano atingiram particularmente parte da avenida Julius Nyerere na cidade de Maputo.

Este bairro teve três momentos no processo da sua ocupação. O primeiro momento é o período colonial quando este espaço era de pertença de um colono de nacionalidade portuguesa conhecido pelo cognome Muguirica⁵. O bairro que hoje designa-se por 2000 no passado chamavas Mahota e este Muguirica desenvolvia a actividade agropecuária. Depois da descolonização o espaço foi sendo ocupado primeiramente pelos trabalhadores de

⁴ Entrevistada na sua residência no dia 27 de Setembro de 2012.

⁵ Esta informação fornecida por senhora Virgínia uma das primeiras moradoras do bairro esposa do já falecido esposo de nome Mondlane, no dia 2 de Julho de 2012

Muguirica. Das várias famílias que primeiramente ocuparam o espaço, destacam-se: as famílias Mondlane, Chirindza, Sigáúque e Tembo.

Após ao período colonial segue o período da guerra pós-independência que a partir dos anos 1990 afectou muitos cidadãos acima de tudo os que estavam distantes de cidade. Deste modo o bairro começou a registar uma avalanche de novos indivíduos oriundos de algumas províncias de Moçambique concretamente Gaza, Inhambane, Sofala e Zambézia, que procuravam refugio e protecção devido a guerra pós – independência. Neste período a distribuição do espaço foi feita através dessas primeiras famílias onde obedecia se o critério de corte de uma parte de parcela para parentes, por via de venda para os novos que se interessavam em adquirir um espaço.

A terceira parte da distribuição do espaço no bairro 2000 foi a partir do ano 2000 em que obedeceu a vários critérios os novos donos foram comprando dos terceiros, pessoas que por várias razões decidiam voltar a sua zona de origem e vendiam seus espaços para os outros.

Quando os indivíduos deslocam-se a procura de melhores condições de vida, acabam procurando um novo espaço, que geralmente lhes é estranho. Nesse contexto, tendem a entrar em contacto com seus conhecidos, quer por pertencerem a mesma zona de origem ou por amizades, que provavelmente estejam no local de chegada há mais tempo. É nesta perspectiva que as redes sociais sejam elas de parentesco, vizinhança, religião, amizade e até de *conteraneidade* têm sido importantes e servem como elo de ligação entre os indivíduos que tentam resolver as suas aflições sejam a nível de integração, convivência, até na procura de emprego concretamente nas zonas periféricas.

A procura de espaço para habitação nas zonas periféricas tem sido maior concretamente nos arredores da cidade de Maputo que se verifica um crescimento de forma horizontal. Essa forma de crescimento faz com que haja muita procura de espaço uma vez que os indivíduos procuram se fixar em locais próximos do mercado de emprego, essa procura de certa forma vem trazer escassez do espaço para habitação.

Como referi, este bairro é habitado na sua maioria por imigrantes que para acederem ao bairro privilegiaram contactos previamente estabelecidos. Estes contactos obedecem a

várias ordens com maior destaque o contacto entre cidadãos que conheceram se antes, isto é, através de amizades, familiares, pessoas da mesma zona de origem. Apesar de a Lei Terra em Moçambique não permitir que se venda a terra os indivíduos fazem-no de forma clandestina, através de acordos entre as partes envolvidas. É assim que se obtêm espaço através de intermediários que podem ser amigos, vizinhos e até parentes comercializam o espaço.

Maphasse um dos participantes do estudo, casado e pai de três filhos, ferreiro nas obras e residente no bairro 2000 desde 2004 explica como conseguiu o espaço onde fixou sua casa.

Ouvi com um amigo da infância que existia alguém que tinha alguns problemas, e que este indivíduo precisava de algum dinheiro para resolver esse problema e que a única forma que tinha para resolver o mesmo tinha que cortar uma parte da sua parcela vender foi assim que consegui este terreno. Adquiri este espaço através de um amigo de infância, foi este que me disse que havia este espaço a venda.⁶

Durante o processo de apropriação e ocupação do espaço habitacional, verificou se que o parentesco teve um papel importante na forma de negociação, aquisição do espaço habitacional e posteriormente na construção de casas para habitação dos seus familiares.

Chande, natural da província da Zambézia, casado pai de uma filha, comerciante e residente do bairro 2000 desde 2007 conta como foi o processo de acesso ao espaço habitacional:

Quando cheguei aqui no Maputo o primeiro sitio que eu comprei foi no bairro dos pescadores (...) o meu pai vendo que estava distante dele falou com o velho Mondlane para vender me este espaço, este aceitou paguei e comecei a construir (Chande).⁷

A distribuição espacial da população aqui em Moçambique tem seguido o modelo europeu, que consistiu em agrupar a população de acordo com os objectivos dos governos. Isto é, havia áreas para a prática da actividade agrícola, os indivíduos deviam estar perto do local dos seus serviços, áreas específicas para as zonas industriais. Neste contexto, discute-se a distribuição que é feita envolvendo várias formas que são: a concessão que foi feita através do proprietário, antigos moradores que venderam para os outros. É salientar que o processo de apropriação e ocupação do espaço no bairro 2000 foi informal.

⁶Entrevista cedida na sua residência no dia 23 de Maio de 2012.

⁷Entrevista cedida na sua residência 26 de Junho de 2012.

Para além do modelo europeu que se verificou no processo de distribuição do espaço no bairro 2000 este estudo, mostra que existem outros mecanismos no processo de aceder ao espaço urbano, onde se destaca o papel das redes que tem sido preponderante. Mayer (1997) considera que as redes sociais, como elemento para uma coesão social permite a interacção entre os indivíduos e daí abrem o acesso a entrada de novos cidadãos que se interessam em fixarem suas residências no espaço periférico.

No processo de organização do bairro é notório que entre os moradores do bairro, intensificam acções com vista à melhorar o seu bairro, através de intervenção de redes sociais que participam na organização para derrube das árvores e abertura de vias de acesso. Esta acção mostra que, no processo de organização espacial do bairro 2000, nem sempre os moradores esperam pelos agentes ligados ao planeamento urbano (Conselho Municipal), visto que, os indivíduos que habitam neste bairro fazem a partilha do espaço mediante acordos entre si. Desta forma é visível que as redes sociais não só participam no processo de acolhimento de novos indivíduos que aproximam aquele bairro para afixarem as suas residências, também participam na organização do espaço.

Gonçalves, casado e pai de seis filhos, natural da província da Zambézia, alfaiate e está no bairro 2000 desde 1990 conta como foi é que se organizou este bairro:

Como podes saber que por volta dos anos 1990 a guerra já se aproximava as cidades, quando adquiri este terreno isto tudo era mato as pessoas tinham medo de virem para aqui, até durante o dia pairava um medo. Para resolver este problema eu e outros companheiros que haviam adquirido o espaço tivemos que organizarmos cada um trazia o seu instrumento, como catana, machado, ancinhos juntos começamos a abrir ruas que permitiram a circulação de pessoas e bens assim com a clareza uma vez que nessa altura não havia corrente eléctrica.⁸

No processo da migração, quando os indivíduos chegam no novo espaço que é lhes estranho tal como diz Pedro (2008) estes em algumas vezes têm se organizado em pequenos grupos com vista à superar alguns dos problemas que vão surgindo no seu dia-a-dia. Neste contexto, as redes sociais tem como papel acolher novos indivíduos que chegam no bairro com intuito de fixarem suas residências. O tipo de apoio que as redes sociais dão começa pela moral em momentos difíceis como na doença, morte e em momentos de

⁸Entrevista cedida na sua residência no dia 22 de Maio de 2012..

confraternização, falo de aniversários de um dos membros do núcleo. Estas redes estão baseadas em núcleo de pessoas que congregam a mesma religião e em algum momento pessoas da mesma zona de origem. Assim, Chande deixou a sua experiência de vida no que diz respeito a sua integração e convivência dentro do núcleo:

(...) uma vez que estamos muito longe da família, quando chegamos num novo lugar temos que procurar família e isso é possível através da igreja ou pessoas que vem da mesma zona. É por que eu estou integrado num núcleo que pertence a Igreja católica. Aqui estão filiados indivíduos provenientes da minha terra Zambézia, nós contribuimos com um valor simbólico para nos ajudar em casos de doenças assim como no caso da morte.⁹

Neste subcapítulo fica patente que as redes sociais têm múltipla função no seu dia pós dia porque elas não funcionam apenas na zona de origem, mas sim em qualquer lugar onde os indivíduos encontram se fixados. Falo concretamente das redes do parentesco. Também é notório que não existe um tempo determinado para que as redes sociais operem, elas estão em constante acção.

⁹ Entrevista cedida na sua residência no dia 26 de Junho de 2012

5. VIVER NO BAIRRO 2000

O bairro 2000 ainda está no processo de construção no primeiro momento em que foi ocupado este espaço as habitações foram construídas com o material precário (caniço). A medida em que o tempo foi passando os moradores deste bairro foram melhorando as suas residências construindo com o material convencional (blocos de cimento e areia com um telhado de chapas zinco onduladas e outras com o IBR são chapas de zinco com ondas quadradas por vezes estas chapas levam um revestimento por dentro, assim como por fora com vista a proteger a chapa com os agentes atmosféricos (corrosão). Uma vez que o nível freático das águas do mar está é alto o interior das casas é sempre húmido.

Os residentes do bairro 2000 recorrem aos bairros vizinhos para ter acesso a escolas e ao super mercado (bairro Triunfo). Quanto a unidades sanitárias eles têm duas opções: o centro de saúde do bairro Ferroviário e o centro de saúde do bairro dos Pescadores. As compras de bens alimentícios para consumo diário são feitas no mercado *Xiquelene*. Para resolução de conflitos, como roubos, problemas de agressão, o problema de venda de espaço para mais que uma pessoa primeiro estes recorrem ao chefe do quarteirão caso este não consiga vão para a esquadra do bairro Triunfo.

Quanto a infra-estruturas religiosas existe a Igreja Assembleia de Deus e algumas residências funcionam núcleos das igreja católica e *ziona*. Alguns entrevistados referiram que recorrem a mesquita do bairro Triunfo e outros ainda recorrem a Igreja Adventista do Sétimo Dia que está num bairro vizinho chamado *Tihavene*.

Para além do problema de procura do espaço para habitação nas zonas periféricas, os indivíduos são surpreendidos com a questão do acesso ao emprego, assim estes problemas afectam a economia das famílias concretamente no bairro 2000. Tendo em conta que o desemprego está de uma forma acentuada concretamente nas cidades onde tudo é preciso comprar a partir do próprio carvão vegetal para confeccionar as refeições, os alimentos, o aluguer de casa para viver, os indivíduos vão traçar estratégias com fins de ultrapassar todos estes desafios que passam pela prática de actividades comerciais informais como sejam a revenda de produtos de primeira necessidade em pequenas bancas nos seus quintais.

A outra forma que os indivíduos vão adoptar para resolver a questão do desemprego e consequentemente melhorar as suas rendas mensais, dentro dos seus quintais constroem casas que servem de aluguer para as pessoas que chegam naquele bairro pela primeira vez. As casas construídas para além de servirem aos novos residentes participam no melhoramento das economias das famílias no espaço periférico.

Langa residente no bairro desde 1990 conta nos o que tem feito para resolver o problema do desemprego.

(...) trabalho numa das casas no bairro triunfo como guarda o dinheiro que ganho não chega para sustentar as duas famílias que tenho, por isso construí estas casas como forma de reforçar a minha economia, alugo estas para outras pessoas e consigo ter mais algum dinheiro para suportar as despesas.¹⁰

Durante o trabalho de campo no bairro 2000 foi frequente ver panfletos em frente às casas com as seguintes mensagens: “vende-se moelas,” ou “vende-se patas de galinha.” Isto mostra que os moradores deste bairro para a sua sobrevivência recorrem aos talhos onde que se abatem frangos e estes compram miudezas e vem revender. Também foi frequente e ver bancas em frente a algumas casas onde que se vendia tomate, óleo de cozinha medido as tampas de água mineral, também é visível que o carvão vegetal é medidos em plásticos. Estas actividades ilustram que uma parte dos moradores do bairro 2000 pratica um negocio de subsistência. Economia de subsistência porque esta é feita sem obedecer alguns critérios como por exemplo não se espera uma prestação de contas para compra de nova mercadoria, o dinheiro da venda é usado de forma continua. Dentre as várias formas que os moradores do bairro 2000 encontram para resolverem o problema do desemprego, o destaque vai para a prática de costura de uniformes escolares para a sobrevivência das famílias. Para além desta máquina de costura fazer uniformes escolares ela também é usada como um instrumento de aprendizagem para os novos que também pretendem desenvolver a mesma actividade. Isto demonstra que existe um certo empreendedorismo que acontece de uma forma inconsciente dentro das famílias. Uma vez que um empreendedor tem planificado de uma forma clara os objectivos do seu investimento, aqui já não se obedecem certos critérios as coisas vão acontecendo naturalmente.

¹⁰ Entrevista cedida na sua residência no dia 4 de Julho de 2012.

Quando regresssei da Alemanha não voltei a minha zona de origem (Zambézia), fiquei aqui em Maputo com finalidade de adquirir um emprego. Na medida que o tempo foi passando não conseguia nenhum emprego, assim dos vários bens que trazia da Alemanha tinha máquinas de costura e passei a cozer roupa rasgada que as pessoas traziam para concertar. Foi a partir desta maneira que consegui me adaptar como alfaiate para solucionar o problema do desemprego e posteriormente formar os outros¹¹

Uma das actividades desenvolvidas como forma de resolver a questão desemprego, é a prática de venda de bebidas alcoólicas, refrigerantes, assim como a confeição de comidas com maior destaque o peixe grelhado (*magumba*) com *xima*, nos dias de muito calor na praia da Costa do Sol.

Estes produtos são transportados com carrinhas de mão conhecidos localmente por *tchovas*. É de salientar que estas pessoas não têm bancas fixas na zona da praia porque esta actividade é praticada somente quando é tempo do verão e nos dias que as temperaturas chegam a atingir cerca de 27 ou mais graus centígrados. Este assunto é partilhado com a senhora Vitoria, natural de Inhambane, residente do bairro desde o ano 2002, mãe solteira de três filhos. A seguir o excerto: “(...) uso a praia como sítio de resolver a questão do desemprego e a sobrevivência dos meus filhos.”¹²

Nem sempre o emprego vem resolver a questão da sobrevivência das famílias no espaço periférico, o emprego só minimiza alguns problemas. Para tal os indivíduos têm recorrido a outras formas como alternativas ao emprego praticando as actividades comerciais, construção das casas para arrendamentos, a prática da costura, a venda de recargas para telemóveis, assim como a prática de actividades agrícola fazendo pequenas hortas nas proximidades das suas casas.

¹¹Entrevista cedida, na sua residência no dia 22 de Maio de 2012.

¹²Entrevista cedida na sua residência no dia 27 de Setembro de 2012.

6. CONCLUSÃO

Estudos sobre reassentamentos e assentamentos envolvem questões relacionadas com vários factores, dos quais naturais, económicos, sociais, culturais, e políticos. O presente estudo, para além de explorar esses aspectos já referenciados vem mostrar que para os moradores deste bairro acederem o espaço para habitação, eles recorrem a contactos com os que se encontram já instalados. É patente neste estudo que esses contactos foram estabelecidos através de laços de parentesco, amizade, *conteraneidade*, e vizinhança.

Também o estudo vem mostrar que para além das autoridades municipais o ordenamento urbano pode ser feito usando outras formas, uma delas que é a partir dos moradores que têm grandes parcelas de terra que de uma forma clandestina vão atribuindo aos outros, através de concessões entre as famílias, venda aos interessados em fixar suas residências naquele bairro.

É notório que as redes de parentesco, amizade, *conteraneidade*, familiaridade não funcionam apenas para ajudarem no processo de acederem ao espaço habitacional, mas sim também tem dado apoio seja material, assim como moral aos seus membros quando estes são assolados com doenças, dando mantimentos, também tem ajudado ao afectado com valores monetários a fim de viajar para sua zona de origem quando se tratar de alguém que é imigrante. Uma vez que nas zonas urbanas a procura de espaço para habitação é maior, faz com que os que conseguem um espaço atribuam varias significações de acordo com as formas pelas quais conseguiram. Das várias significações que os moradores do bairro atribuem ao espaço habitacional está relacionado com aspectos simbólicos, é notório que alguns mostram que o espaço habitacional ‘pode ser o lugar de encontro entre os vivos e os seus antepassados.

O espaço é visto como lugar de encontro entre os vivos e os espíritos dos antepassados, uma vez que este estudo revela que existe zanga dos espíritos dos antepassados quando vão visitar os seus parentes e são interpelados pelos supostos donos.

Um outro elemento que trago neste estudo está relacionado com a questão da economia doméstica, esta processa-se de seguinte forma: quando os indivíduos deixam de pagar a

renda ou aluguer das casas no final de cada mês em algum momento vem usar este valor para melhorar as suas casas, assim como suas condições de vida. A economia doméstica serve para fazer reforço da sobrevivência familiar.

O espaço habitacional neste estudo é visto como algo de transformação no seio dos moradores, isto através da reputação que vão adquirindo quando deixam de partilhar o mesmo espaço com os seus familiares, passam a ter independência, passam a ter outro *status* diferentemente dos que ainda não adquiriram o espaço.

Desta forma quando os moradores encontram-se já instalados no bairro, face ao problema acentuado de desemprego nas zonas urbanas sobre tudo na periferia, estes por sua vez tem recorrido à varias actividades como forma de minimizar o problema relacionado com o desemprego como a prática de pequenos negócios comprando produtos da primeira necessidade, que são vendidos em frente as suas residências, outros ainda recorrem a revenda de recargas de telefones, outros trabalhando em construção civil, alguns desempenhando funções de seguranças.

Olhando para a temática em análise, o presente estudo não foi capaz de abranger todos os fenómenos, por isso deixa pistas para futuras pesquisas olharem para aspectos relacionados com o porquê avalanche de novos indivíduos naquele bairro, visto que a ocupação desse espaço embora seja do conhecimento das autoridades municipais da cidade de Maputo, esses moradores não tem o direito de uso e aproveitamento de terra (DUAT).

Outro aspecto que proponho que pode ser discutido nos próximos estudos é o porquê este bairro é habitado na sua maioria por imigrantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alberto, Serafim Adriano. 2007. Distribuição espacial da população no distrito de Lago – Niassa. UEM/ FLCS, Departamento de Geografia.

Alves, Valdir. 2008. Os mortos vivos: actuação dos espíritos na sociedade moçambicana e na guerra. Disponível em: www.ufrb.edu.rencavos/indx.php/downloads/.../download. Consultado em 17 de Agosto de 2012.

Ammering, Ute. 2010. “Morar nos bairros suburbanos de Maputo Livelihoods e a implementação do planeamento local: Economia, Política e Desenvolvimento” in *Revista Científica Inter-Universitária*. Volume 01. Nr 03. Pp. 25-46.

Araújo, Manuel G. M. 1988. O sistema das aldeias comunais em Moçambique: Transformações na organização do espaço residencial e produtivo. Dissertação de doutoramento em geografia humana. Apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Araújo, Manuel G. M. 1997. *Geografia dos povoamentos: assentamentos rurais e urbanos*. Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Maputo.

Baia, Alexandre Hilário Monteiro (coord.) 2008. *Reflexões sobre o espaço urbano: a cidade de Nampula, Moçambique*. Cordesria.

Batalha, Luís. 1995. Breve análise sobre parentesco como forma de organização social. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Lisboa.

Bourdieu, Pierre. 1989. *Espaço social e poder simbólico*. Rio de Janeiro: editora Bertrand Brasil Lda.

Carrilho, João. 1992. Terras e reassentamentos: opções de intervenção de Estado, Ministério de Agricultura, Maputo.

Casal, Adolfo Yanez. 1998. *Antropologia e desenvolvimento: as aldeias comunais de Moçambique* – Lisboa: Instituto de Investigação científica Tropical.

Fazito, Dimitri (2002) *A Análise de Redes Sociais e a Migração: Mito e Realidade*. Trabalho apresentado no XIII Encontro de Associação Brasileira, de Estudos Populacionais, realizado em Outro Preto, Minas Gerais, de 04 à 08 de Novembro.

Forjaz, José, *et all.* 2006. *Moçambique, Melhoramento dos Assentamentos Informais, Análise da Situação & Proposta de Estratégias de Intervenção*. Ministério para a Coordenação da Acção Ambiental (MICOA); Direcção Nacional de Planeamento e Ordenamento Territorial (DINAPOT). Centro de Estudos de Desenvolvimento do Habitat (CEDH), Universidade Eduardo Mondlane (UEM).

Girardi, Eduardo Paulon e Fernandes Bernardo Mançano. 2008. *A luta pela terra e a política de assentamentos rurais no Brasil: a reforma agrária conservadora*. *Agrária*, São Paulo, nº 8, pp. 73-98.

Governo do Estado da Bahia. 2005. *Directrizes para reassentamentos involuntários*.

Departamento de infra-estrutura de transportes da Bahia. *Programa de restauração e manutenção de rodovias*.

Lei de Terras- portal do Governo de Moçambique. www.portaldogoverno.gov.mz/ consultado em 15 de Dezembro 2012.

Loforte, Ana (1995) *Género e Poder entre os Tsongas de Moçambique*. Maputo: Edições Promédia.

Loforte, Ana Maria. s/d. *A produção de identidades étnicas em meio urbano*. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7045.pdf>. Consultado em 09 de Maio de 2012.

Matos, Aureliano da Costa & Villegas, Jaime Marin . (s/d). *Reassentamentos involuntários: A experiência do IICA em ITAPARICA, no nordeste do Brasil*.

Disponível em: <http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/encuen/marin.pdf> consultado em 27 de Maio de 2012.

Matusse, Anselmo Marcos. 2012. Dinâmicas espaciais identidades sociais e apropriação das habitações no bairro 4 de Outubro, em Mumemo. UEM/FLACS.

Mauss, Marcel. 2008 (1950). *Ensaio Sobre a Dádiva*. Lisboa: Edições 70.

Mayer, Adrian. 1987. “A importância dos Quase Grupos no Estudo das Sociedades Complexas”, Antropologia das Sociedades Contemporâneas. São Paulo: Global Universitária.

Menezes, Marlucci. 2000. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 6, n.13, pp: 155-175.

Muanamoha, Ramos Cardoso. 1995. *Tendências históricas da distribuição espacial da população em Moçambique*. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. Dissertação apresentada ao curso de pós graduação em Demografia do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional de Ciências Económicas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Negrão, José. Coelho, J. & Lopes. L. 1997. O impacto do reassentamento populacional dos pós-guerra no caso às famílias rurais à terra: O caso Zumbo.

Negrão, José. 2004. *Cruzeiro do sul*. “Mercado de terras urbanas em Moçambique”; Que políticas de terras para Moçambique? Conferência Nacional de terras. Núcleo de estudos da terra. Instituto de Investigação para o Desenvolvimento.

Oliver, Ruben George (1987) *Antropologia de Grupos Urbanos*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Brasil: Vozes Petrópolis.

Rebouças, Lídia Marcelino. 2000. *O planejado e o vivido: o reassentamento de famílias ribeirinhas no Pontal do Paranapanema*. Revista de antropologia, São Paulo, USP, 2001, V. 44 nº 1. São Paulo, Fapesp/ AnnaBlume.

Ritter, Carlos. 2009. Novo conceitual para as periferias urbanas. Resumo do VII Seminários interno de pós-graduação em geografia; Curitiba. Revista Geografar. Disponível em www.ser.ufpr.br/geografar .

Rita-Ferreira, A (1967-1968) Os Africanos de Lourenço Marques. Instituto de Investigação. Lourenço Marques.

Santos, Milton. 2002. A Natureza do Espaço, Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo.

Saquet, Marcos Aurélio e Mondardo, Marcos Leandro. 2008. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. REVISTA NERA – ANO 11, N. 13, ISSN: 1806-6755.

Tanaka, Giselle Megumi Martino. 2006. Conceito, práticas e discursos; práticas sociais e processos urbanos na metrópole de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Habitat)- Faculdade de Arquitectura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/tesesdisponiveis/16/16137/tde-26052010-133856> consultado em 16 de Outubro de 2012.

Truzzi, Oswaldo. 2008. *Redes em Processo Migratórios*. Tempo Social. In *Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo*, v. 20, nº 01.

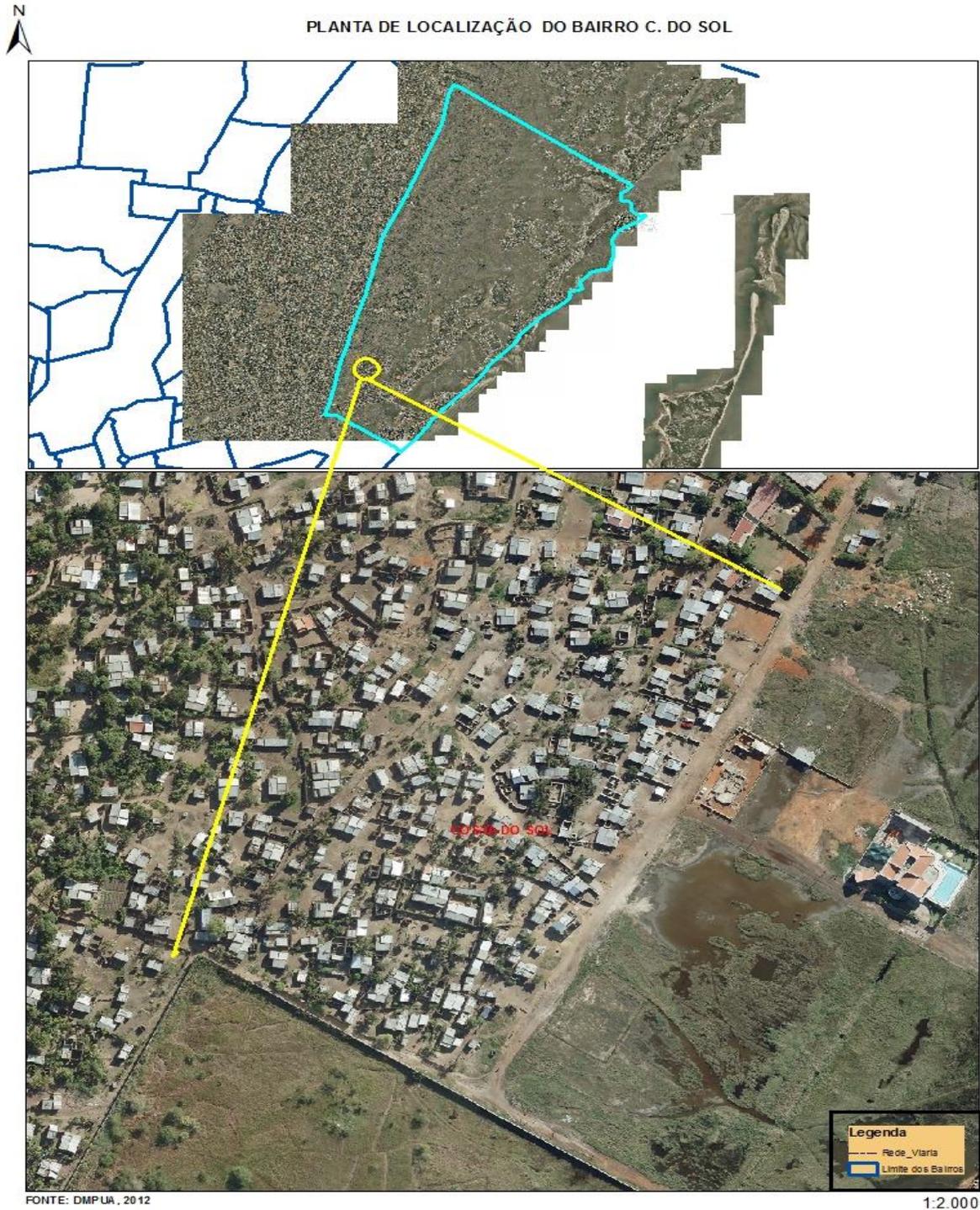
Valle, Freitas Tatiana. 2009. Vulnerabilidade e o uso do solo urbano em assentamentos informais em áreas de encosta-estudo de caso: comunidade sete cruzeiros no Município de São Gonçalo – RJ. Dissertação de mestrado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: www.ppe.ufrj.br/ppes/production/tesis/vallefreitas.pdf, consultado em 10 de Setembro de 2012.

Velho, Gilberto. 1994. “*Trajectória Individual e Campo de Possibilidades*” In *projecto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. (s/d). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Velho, Gilberto. 1999. *Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Woodrow Wilson International Center for Scholars. (s/d). O Papel das cidades no desenvolvimento do país. Maputo/Moçambique. Relatório da conferência. http://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/CUSP_Maputo.pdf

ANEXOS



O círculo amarelo indicado pela seta, constitui o local de estudo

Ilustração cedida pelo Departamento Municipal de Planeamento Urbanização e Ambiente CMCM.



Imagem tirada por Celso Jossefa no Bairro 2000. Zona pantanosa, próximo a Dona Alice. Espaço pertencente a família Mondlane, usam para prática de actividades agrícolas.



Imagem tirada por Celso Jossefa no Bairro 2000. Imagem ilustra algures do bairro 2000, com quintais construídos por materiais precários



Imagem tirada por Celso Jossefa no Bairro 2000. Imagem ilustra pequena banca onde desenvolve algumas actividades comerciais para sobrevivência familiar.



Imagem tirada por Celso Jossefa no Bairro 2000. Imagem ilustra um murro que divide a zona onde estão casas ditas grande envergadura e o bairro 2000. Neste caso como pode se definir periferia?



Imagem tirada por Celso Jossefa no Bairro 2000. Esta imagem ilustra um grande bairro de cimento que esta a nascer muito próximo do bairro 2000.



Imagem tirada por Celso Jossefa no Bairro 2000. Imagem ilustra. O novo bairro emergente ao lado do bairro dito periférico.